

NAZARÉ/ CAMPO DA PÓLVORA

PMS	FMLI	ULRIN
BIBLIOTECA		
Jornal <i>A Tarde</i>		
Data <i>17/05/97</i>		
Caderno <i>1</i>	Página <i>02</i>	
Seção		
Assunto <i>Bairro</i>		

■ SÍMBOLO

Campo da Pólvora: palco da rica história baiana

Bairro foi um dos sítios da luta pela independência da Bahia e área estratégica na defesa da cidade

Bairro foi um dos sítios da luta pela independência da Bahia e área estratégica na defesa da cidade

FOTOS: PAULO NEVES

Palco de cenas épicas, núcleo de atividades religiosas, políticas e militares dos primeiros séculos da trajetória do Brasil, o bairro de Nazaré esconde, por trás das suas ruas movimentadas e dos inconvenientes da vida contemporânea, um rico documentário da história da Bahia. Entre os diversos símbolos históricos localizados ali está a Praça D. Pedro II, mais conhecida com Campo da Pólvora.

O nome surgiu ainda no século XVII, quando por volta de 1624 os holandeses andaram lutando contra os portugueses pela ocupação da próspera cidade de Salvador. Na época, toda aquela área se tornou estratégica para os fins da guerra. Escolhida como ponto de segurança pelos lusitanos, foi assim que novas áreas da cidade começaram a aparecer no mapa, além dos bairros à beira-mar. Entre os conventos e quartéis ficava a Casa da Pólvora, construção opulenta que dominava a paisagem local. Ela permaneceu erguida até 1850, quando foi demolida e seu terreno tornado plano, justificando o nome que o lugar recebe até hoje.

Várias estórias ainda tornam o local, no mínimo, mais interessante. No mesmo lugar, no início do século XVIII, um grupo de participantes da revolução pernambucana foi dizimado em praça pública e, por essa razão, o local passou a ser chamado também de Campo dos Mártires. Por ali também já funcionou um cemitério, que só foi desativado depois da construção do Campo Santo, na Federação. Mas o lugar cedeu espaço também para alegria. Por muito tempo o terreno se tornou perfeito para os alo-

jamentos circenses e outros tipos de manifestações artísticas. O futebol baiano, por exemplo, nasceu ali. A estréia do Vitória aconteceu no Campo da Pólvora em 1904 com um público de 10 mil pessoas. Detalhe: o time baiano perdeu de 2x0 para o time formado pela colônia inglesa acolhida em Salvador. Dizem que até ACM aprendeu a jogar bola por aquelas bandas. Finalmente, no final da década de 40, o Campo da Pólvora recebeu, sem dúvida, sua construção dominante: o Tribunal de Justiça da Bahia, Fórum Ruy Barbosa (ver box).

Na verdade, a urbanização do Campo da Pólvora começou atrasada em relação aos outros bairros de Salvador. Só com o fim da guerra contra a Holanda e a restauração da monarquia portuguesa, o local passou a ter mais vida. Os primeiros a ocupar o lugar foram os oficiais que trabalham por perto. Logo depois, com as transformações do bairro e o crescimento geral da cidade, outras camadas da sociedade resolveram se instalar no local, na maioria famílias de classe média, formada principalmente por comerciantes, profissionais liberais e artistas. Hoje, a praça que já teve sua época áurea, onde as damas da sociedade passeavam entre fontes luminosas e um vasto lago artificial, está abandonada e entregue a um comércio desordenado e aos mendigos, que a cada dia formam um número mais numeroso. Como toda cidade de Salvador, o lugar convive com contrastes diários entre figuras ilustres e ilustres anônimos e o incrível é que todos eles têm uma história para contar.



A suntuosa casa de Ruy Barbosa é um dos símbolos da Justiça e de um passado recente da inteligência do povo baiano

O fórum é referência no centro da cidade

Inaugurado em 5 de novembro de 1949, a sede da justiça baiana, o Fórum Ruy Barbosa é hoje o que melhor simboliza o Campo da Pólvora. É impossível citar o lugar sem mencionar: 'ali, perto do Fórum', não tem melhor ponto de referência. Ainda atualmente uma das mais belas edificações de Salvador, o fórum guarda lembranças, relíquias e, é claro, muitas estórias.

A necessidade de construção de um Palácio da Justiça começou em 1923 com o lançamento da idéia pelo então desembargador e presidente do Tribunal de Justiça, Pedro de Araújo Bittencourt. Depois de uma longa trajetória que pas-

sava pela real precariedade de espaço destinado a esse poder na época e, também, por uma certa dose de vaidade, só em 1947 os magistrados puderam ver a primeira pedra do sonho se concretizar. Depois de vários projetos, entre alguns que incluíam a instalação conjunta com salas de teatro, o definitivo recebeu um destino singular: no subsolo do prédio, numa sala especial está a cripta de Ruy Barbosa, que contém os restos mortais do intelectual e de sua esposa.

Cenário de grandes debates e solenes eventos, a arquitetura, que faz lembrar propositalmente os tribunais romanos, já traduz o clima de autoridade que

imperava no local. A biblioteca é uma atração à parte. Com um acervo que ultrapassa 20 mil livros, estão entre eles volumes de raridade como as obras completas de Ruy Barbosa e códigos civis seculares de quase todo o planeta.

Mas a modernidade também já passou por ali. A primeira necessidade de modificação foi sentida ainda na década de 70, quando o governador Antônio Carlos Magalhães construiu o primeiro prédio anexo ao Fórum Ruy Barbosa, o edifício Orlando Gomes. No decorrer dos anos 80, várias foram as tentativas de reformas funcionais do prédio, atualmente com espaço limitado. Hoje a grande polêmica gira em torno dessa situação.

Com o objetivo de ampliar o fórum, o governo pensa em desapropriar 25 famílias de casas localizadas nas redondezas.

Problemas à parte (pelo menos no momento) a história do fórum não pode ser contada sem ao menos citar a presença de uma das figuras mais tradicionais do local. Laureço Bispo dos Santos, conhecido como o São Pedro do Fórum, tem 83 anos de idade e grande parte da vida destinada ao serviço da Justiça. Hoje Laureço não guarda todas as chaves como fazia antigamente, passou para as mãos de seu filho mais velho. 'Já guardei as chaves de muita gente importante. Hoje só quero uma aposentadoria decente' pede à Justiça.



Apesar de toda a importância e localização, a área sofre o abandono